

NOS DESTINOS DE FRONTEIRA: A INVENÇÃO DO NORDESTE

(A PRODUÇÃO IMAGÁTICO-DISCURSIVA DE UM ESPAÇO REGIONAL)

*Durval Muniz de Albuquerque Júnior**

A minha tese **O Engenho Anti-Moderno: A Invenção do Nordeste e Outras Artes**, ponto de partida deste texto, nasceu do encontro entre um historiador infante e um pensamento infame. Um pensamento que chama atenção o para as margens, os limites, as fronteiras, onde vidas sem fama, anônimas se manifestam, brilham, quando se batem com o poder, “trocando com ele palavras breves e estridentes”, para depois retornarem as brumas de existência. Estas vidas de fronteira me fizeram pensar nas fronteiras da vida, em como historicamente se traçaram as bordas de nossa identidade, em como foi traçada a geografia que nos marca e nos demarca. Este trabalho buscou pensar, pois, as condições históricas que possibilitaram a emergência de uma experiência fundamental para a constituição de sujeitos na modernidade, a experiência das nacionalidades. Que sofisticado dispositivo fez os homens se pensarem como membros de uma nação e as consequências, que daí advieram, para as antigas solidariedades espaciais, para as demarcações regionais.

O pensamento de Michel Foucault, que se orienta pela heterotopia, que luta contra o lugar-comum, nos levou ao questionamento de nosso próprio lugar, a medir a distância entre nosso topos e ele mesmo, entre nosso presente e ele mesmo. Presente marcado pelo questionamento em torno da nossa identidade nacional, pela estridência cada vez maior das vozes discordantes, dos dis-

* Doutor em História, Professor do Departamento de História e do Mestrado em Sociologia – Centro de Humanidades, Campus II, UFPB.

cursos regionalis, expondo as fraturas de nosso próprio rosto, mostrando os membros esquartejados de um corpo nacional que aparecia como saudável e solidificado, após um longo e linear processo de crescimento. A nação que parecia ter uma história sem rupturas, surge como um problema, diante das enormes dificuldades em falá-la e vê-la da mesma forma. As regiões que pareciam demarcações obsoletas, um problema equacionado pelo processo de integração nacional, seja no campo econômico, político ou cultural, que eram vistas como espaços diferenciados pelo processo de desenvolvimento nacional, mas capazes de serem equiparados através de políticas de planejamento, servem cada vez mais de referência para a emissão de discursos regionalistas e para práticas discriminatórias em relação a “outros brasileiros”, fatos que são tomados como sintomas da fragilidade da nossa identidade nacional, como produtos do esgarçamento do tecido da nação.

Se tantos discursos falam hoje em esgarçamento do tecido nacional, podemos chegar a conclusão que tanto a nação como as regiões antes de serem recortes espaciais já inscritos na natureza, são produtos de uma tecelagem histórica e social. Estas fronteiras que nos marcam e nos demarcam, foram tecidas em algum momento histórico e a partir de dadas condições. Coube pois, a este historiador, tecelão de outras tramas vãs, procurar cortar este presente que nos aparece como inteiriço, estes espaços que superficialmente se nos afigura como contínuos e naturais, para encontrar as suas linhas de constituição, para se deparar com o magma escaldante das lutas, dos embates entre forças que os fizeram aflorar e se cristalizar. Trabalho, pois, que discute o tempo inteiro o próprio papel da história e do historiador hoje. História que em vez de nos trazer de volta o passado, de se empenhar em fazê-lo conhecido, busca tornar o presente desconhecido de si mesmo, fazendo sua ontologia, descobrindo-o como diferença, refletindo sempre sobre os limites históricos que nos são impostos, inclusive os limites espaciais.

Neste trabalho o que se buscou fazer foi um estudo sobre as práticas históricas, sejam discursivas ou não, que nos levaram a pensar, agir e ser de uma determinada maneira. Pensar as condições históricas que os fizeram ser brasileiros e mais particular-

mente “nordestinos”. Pensar que relações de força e que práticas fizeram emergir no começo do século o recorte espacial Nordeste. Pensar que saberes este recorte possibilitou e o constituiu e reelaborou permanentemente. Como esta identidade regional foi dada à subjetivação e ao mesmo tempo que mecanismos de assujeitamento esta espacialidade pôs em funcionamento.

Num primeiro momento procuramos acompanhar a emergência do dispositivo das nacionalidades e da formação discursiva nacional-popular, sem os quais era impossível se pensar a nação e a região nestes termos; as mudanças na sensibilidade social em relação ao espaço; as mudanças da relação entre olhar e espaço trazidas pela modernidade, pela nova sociabilidade urbana e industrial e pelo trauma causado pela Primeira Guerra Mundial, que fizeram desabar significações dadas ao tempo, ao espaço e a história. Fazemos, pois, inicialmente a crônica da ruptura com a sensibilidade naturalista, da ruína de uma determinada geografia, que possibilitou o pensar a região e a nação como produtos culturais. Mudanças que permitiram a emergência de um regionalismo, que já não era provinciano no campo da política e nem pitoresco no campo artístico. Afirmamos, pois, ser o Nordeste uma invenção da modernidade brasileira, embora uma invenção reativa.

Surgindo como filho tardio das práticas ligadas ao combate a seca no Norte do país, dos discursos que se teceram em torno desta temática e de outras, como as da nação e sua identidade, da raça nacional, da cultura nacional, do cangaço, do messianismo e das lutas oligárquicas, o Nordeste, torna-se um recorte espacial que passa a ser preenchido com inúmeras imagens e textos. Sua topografia será permanentemente tecida e retramada por uma série de discursos que o toma como objeto de saber, produzindo diferentes visibilidades e dizibilidades deste espaço, bem como dos seus filhos e sujeitos históricos. O nordestino, assim como o Nordeste, serão dotados de diferentes máscaras dependendo da perspectiva com que são abordados, do regime discursivo em que são inseridos, do momento em que são tematizados.

“As primeiras leituras do Nordeste o toma como “espaço da saudade”. A questão regional, o Nordeste e o nordestino, são pen-

sados por uma série de discursos que partem das temáticas da origem e da tradição. Estes discursos têm como consciência do tempo uma maneira narcósica de se referirem ao passado, ao quererem garantia e soberania do sujeito do presente no passado, a estabilidade, ao longo do tempo, de como pensamos, agimos e somos. Um tempo visto como sucessão, prometendo-o a si mesmo como acabamento, origem ou retorno. Ou seja, esta espacialidade do presente e seu sujeito, têm aí como condição de possibilidade uma espacialidade e um sujeito primeiro e mais profundo a qual se deve remeter. Discursos como o de Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo ou Ariano Suassuna, criam a imagem de um espaço preso a um tempo contínuo e totalizador. Em vez de dispersão temporal e espacial, temos unidade. As diversas historicidades que recorram uma espacialidade seriam unificadas pela atividade sintética do sujeito regional, de quem o autor do discurso é pensado como representante. A história é aí memória e promessa de superação do esquecimento das origens em que nos encontramos, de encontro com a nossa face autêntica que foi recalçada pela história, de reencontro com o projeto fundamental que somos. Discursos que ao mesmo tempo que falam de uma distância entre presente e passado, tentam mostrar que este continua bem vivo no presente e assim deve ser. Discursos que fabricam uma tradição a pretexto de reencontrá-la e religá-la ao presente. Que buscam cicatrizar as feridas trazidas pela história, trabalhando com a suposição da existência de uma subjetividade constante que a guiaria. Estes olhares nostálgicos de tempos e espaços outros, o que mais temem é o corte, a descontinuidade, o choque que as rápidas mudanças trazidas pela história significam.

O Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagorosa e às vezes arredondada quase que em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem as pessoas incharem, pelo próprio mal de comer terra, como quer Gilberto Freyre. O Nordeste das famílias patriarcais descansando em baixo de frondosas mangueiras, da paisagem azul e rosa dos qua-

dros de Cícero Dias. Nordeste dos fantasmas que se esgueiram por trás de objetos de casas-grandes, dos animais fantasmagóricos de bumba-meu-boi dos quadros de Lula Cardoso Ayres. Nordeste da Bagaceira, dos Meninos de Engenho, do Banguê ameaçado pelas Usinas. Nordeste do sertão tradicional, do qual se sente muitas saudades quando se migra para as cidades ou para o Sul. Sertão do castelo fincado em Pedra de grande altura, feito de pedra e cal, sua muralha segura. Castelo do sertão da Espinhara, junto à vila de Pombal, onde habitava o poderoso Barão Afonso Durval, que ainda vinha ser parente da Família Imperial.

Outras leituras do Nordeste o toma como "território da revolta". Uma série de discursos que pensa a questão regional, o Nordeste e o nordestino, a partir do tema da revolução social e da teleologia que ele implica. São discursos que supõem ser a história outra coisa do que aparenta, supõem a existência de um projeto fundamental que a guia em segredo. Fazem uma ontologia da profundidade, onde se busca um reencontro no futuro com uma verdade do homem perdida em algum momento da história. Trabalham com a existência de universais históricos e com a existência de objetos ou mecanismos de funcionamento para além da dispersão do tempo. É uma história indivisa, que pode se comprazer em olhar o longínquo sem ter que, com ele, controlar suas relações ou melhor, falseando suas relações. São discursos onde os sujeitos apagam o lugar de onde falam e de onde olham, como se ocupassem um lugar fora do presente e da história, podendo definir o seu sentido último e íntimo. Discursos que tais como os anteriores abominam o presente e se fixam no sonho de uma temporalidade futura, temporalidade advinda de um corte de alto a baixo na história trazendo as definitivas verdade e liberdade humanas. Discursos empenhados em traçar o Nordeste como o espaço exemplar da miséria e da injustiça social advindas do sistema capitalista, que precisa ser ultrapassado. Como o lugar onde se faz presente indícios da capacidade de revolta do povo brasileiro, embora revoltas primitivas e sem as necessárias condições subjetivas de ultrapassagem da alienação e para o encontro da consciência.

... É o Nordeste dos sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Dos manda-

carus, dos bois e cavalos angulosos. Das sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. Nordeste das vidas secas, de figuras de homens e bichos que nas retiradas vão se alongando, para se tornaram vultos compridos que se arrastam entre a poeira das estradas.

Nordeste do menino morto na rede, das figuras expressionistas de esqueletos que erguem seus braços, só ossos, para os céus e derramam compridas lágrimas que saem de seus olhos vazados, dos quadros de Portinari. Nordeste de Deus e do Diabo se digladiando nas figuras do beato e do cangaceiro. Nordeste do pobre, do pouco, do menos, dos severinos amarelos até na alma, dos comendadores derramando no Parlamento e em seus congressos a retórica balofa, carcomida, porosa como velhas cidades barrocas a se esfarelarem pelo trabalho constante das águas.

Nordeste dos heróis populares, do negro sensual e sábio, dos capitães da areia que sonham em ser famosos como Lampião. Nordeste, seara vermelha. Estes discursos acreditam ser papel da história oferecer uma alternativa, fazer profecia. Acreditam que a liberdade depende da descoberta de nossa essência. Neles o nordestino é um sujeito cuja identidade transcendente, seja ela definida como anterior ao tempo, ou seja como projeto, como trajetória a se efetivar no tempo. No entanto, vamos encontrar no movimento tropicalista uma outra forma de abordar a questão regional, o Nordeste e o nordestino. Neste, os discursos não tomam a experiência como momento fundador da verdade, mas como produto de dadas condições de possibilidade que devem ser compreendidas. A ênfase não se dá, aí, na experiência, mas em sua transgressão, na transgressão dos limites históricos, das fronteiras que impediam a transformação da cultura brasileira e nordestina, mais particularmente. Tomam a experiência, a tradição da Música Popular Brasileira, principalmente aqueles sons vinculados a uma identidade regional, não para sacralizá-los, mas para reinvesti-los em novas experiências, transgredindo suas regras de produção e de recepção. O regional deixa de ser limite, para ser ponto de partida. A liberdade é aí uma abertura para o indefinido que a seguir se limita. Não é o libertar algo, mas o libertar-se de algo. Um processo incessante, permanente e não finalista. Uma história sem pro-

fecias, mas onde tudo é perigoso, é divino e maravilhoso. Uma história antropofágica, que dilacera as verdades que compuseram o brasileiro e o nordestino, que mistura carnavalescamente nossas várias faces e falas, alegorizando nossa identidade remendada.

História onde não existe a esperança de um mundo melhor, pois supõe que a todo momento novos problemas surgem, e assim, incessantemente devemos lutar. Uma história hiperativa, sem êxtases, onde somos livres, porque temos capacidade de resistir, de sermos sempre novos baianos, doces bárbaros que invadem a cidade velha e a transformam na cidade amada.

Para os tropicalistas o ser nordestino passa a ser apenas mais uma roupa de plástico que se veste, um acúmulo de diferenças, uma "cartografia de alegrias". A identidade um acontecimento feito de saturações progressivas, sempre inacabado. Pois, para desfamiliarizar o presente é preciso a construção de novos lugares, novos territórios simulados pelo desejo, onde se afirme não a existência de algo melhor, mas sua possibilidade. É preciso afirmar a atração negligente pelo lado de fora, pelo estrangeiro. Não pensar na exclusão, mas na inclusão. Qualquer coisa é jóia, por que não? Pensar, cantar o Nordeste é desprender-se de si mesmo e de sua verdade, é não estar satisfeito com a visibilidade e a dizibilidade deste. É torná-lo outras palavras, dar a ele outras cores e nomes, é refazê-lo, realçá-lo como favela e festa. Afirmar a não existência do nosso lugar, que somos erráticos, sem lenço e sem documento. Apenas navegamos, nem Bahia, nem Brasil, entre o oculto e o óbvio. Com ele o Nordeste deixa de ser o lugar da tradição, para ser da modernidade também, deixa de ser raiz para ser rizoma que se prolifera em muitas direções. São Paulo e Nordeste deixam de ser pólos antagônicos de nossa identidade, para serem momentos agônicos e vir a ser. Iniciei esta apresentação afirmando que o ponto de partida deste meu trabalho foi o pensamento infame de Michel Foucault. Mas fazendo isto não estaria colocando-o na origem de meu texto, retirando o que tenha dito fora do tempo, justo ele que queria que seu pensamento fosse um acontecimento efêmero. Ora, mas ele queria que seu discurso fosse usado, produzisse diferença e fosse finalmente ultrapassado. Ele queria que seus livros fossem usados a partir das lutas do presente, nos

ajudando a resistir ao que existe, nos aproximando da infâmia, nos dirigindo contra as nossas mais doces verdades, aos poderes que aceitamos, as identidades que pedimos. Daí este trabalho ter usado o pensamento de Foucault e de outros autores para pensar o problema dos regionalismos e nacionalismos, da identidade do Nordeste e do Brasil, não para salvá-los, mas para destruí-los, colocando no horizonte a possibilidade de vivermos sem estas prisões identitárias. Como não existe um ser autêntico do autor, como ele é a manifestação de sua diferença, é a transformação de si, esta escrita não conjurou nem a morte de todos os autores que aí desfilam, nem a minha própria, mas a estabeleceu, fez com que uma parte de nós se perdesse. Como diz Foucault, o motivo de individuação de um discurso não é o reconhecimento do direito natural de propriedade, e sim um meio de o tornar passível de punição, de transgressão, de produzir diferença. Espero que o trabalho que hoje os apresento seja ponto de partida para a produção de outros textos, que retomem sua problemática, o ultrapassando e esquecendo o que ele mesmo dizia. Eis-me aqui não dono de uma verdade, mas passível de punição por ter coragem de ter escrito. O que me tranquiliza é saber que este suplício com certeza é menos dolorido que aquele inflingido a Damiens. Mas já ouço o estalar das articulações, mãos à obra senhores.